

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
COORDENAÇÃO DO CURSO TECNOLOGIA EM GESTÃO DE COOPERATIVAS

LUIZA FERREIRA DOS SANTOS FARO

**A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO EM UM FRIGORÍFICO DE NOVA OLINDA,
TO: UM OLHAR SOB A DUPLA JORNADA DE TRABALHO FEMININA**

ARAGUAÍNA
2016

LUIZA FERREIRA DOS SANTOS FARO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Tocantins - UFT, Campus de Araguaína, junto ao Curso Tecnologia em Gestão de Cooperativas, como requisito parcial de avaliação para conclusão do curso.

Orientação da Profª Msc. Renata RautaPetarly.

Aprovado em: ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Msc. Renata RautaPetarly (Orientadora)

Esp. Carolina Ferreira Batista

Profº. Msc. Cleiton Silva Ferreira Milagres

ARAGUAÍNA
2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por todas as oportunidades, pela vida e saúde para a realização deste trabalho e por estar presente no percurso até aqui.

A minha família que sempre esteve comigo, me apoiando e incentivando quando pensei que não conseguiria e em toda minha vida acadêmica. Principalmente meus pais Luiz Gonzaga e Maria Ci e meus irmãos: Adriana, Wania, Wanessa e Wagner.

A minha orientadora, professora Msc. Renata Rauta Petarly pelo apoio, pelas ótimas orientações, pela paciência e compreensão durante a realização deste trabalho.

Ao meu querido esposo Candido Campelo Faro pela compreensão e apoio, por estar comigo não somente em momentos felizes, mas também nos momentos difíceis. E ao meu filho Kauã Felype Ferreira Faro.

A minha amiga da faculdade Luana de Oliveira Silva, pela amizade, e ao meu cunhado Markeny Aguiar, por todo apoio e contribuição direta e indiretamente.

As mulheres funcionárias da instituição observada, pela colaboração na realização desta pesquisa. Principalmente às pessoas que me ajudaram na coleta de dados para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos irmãos da igreja que me ajudaram em oração e apoio moral desde o início da graduação.

Enfim, agradeço a todos que de alguma maneira contribuíram para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO.....	7
3. PARTICIPAÇÃO ECONÔMICA DAS MULHERES NO BRASIL.....	10
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	14
4.1. CONTEXTO HISTÓRICO DE NOVA OLINDA – TO.....	14
5. ANÁLISES E RESULTADOS.....	16
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	22

RESUMO

Esta pesquisa é resultado de um esforço diante do que se tem apresentado, nos últimos anos, para a inserção das mulheres no mercado de trabalho e o preconceito sofrido por elas, exatamente por serem mulheres. Nesse contexto, nosso trabalho evidencia um grupo de 11 (onze) mulheres que tem dupla jornada de trabalho: em casa e em um frigorífico situado na zona rural do município de Nova Olinda, no norte do Estado do Tocantins. Em toda a história podemos ver a luta das mulheres para conseguirem seus direitos, desta forma foi feita uma pesquisa sobre a divisão sexual existente, a participação econômica das mulheres e as alterações que ocorreram nas famílias após a saída destas mulheres para o mercado de trabalho. Com a análise dos resultados da pesquisa, pôde-se constatar que a participação das mulheres no sustento da família é bastante significativa, pois em muitos casos, elas são as mantenedoras da casa. Para levantar estas informações foram utilizadas entrevistas estruturadas para não perder o foco do trabalho. E para complementar a análise foi utilizado como referencial teórico autores que trabalham com estas temáticas, tais como: Cisne (2012), Moreno e Viúdes (2012), Duarte (2008) entre outros.

Palavras-chave: Divisão Sexual. Participação Econômica da Mulher. Alterações Familiares.

ABSTRACT

This research is the result of an effort at what has been presented, in recent years, for the inclusion of women in the labor market and the prejudices against them, just because they are women. In this context, our work privilege on a group of eleven (11) women who have double shifts: at home and in a refrigerator located in a rural area of the municipality of Nova Olinda, in the northern state of Tocantins. Throughout history we can see the women's struggle to achieve their rights in this way was made a research on the existing gender division, the economic participation of women and the changes that took place in families following the departure of these women to the labor market. With the analysis of the survey results, it could be seen that the participation of women support the family is quite significant because in many cases they are the maintainers of the house. To get information was used structured interviews to not lose focus of the work. And to complement the analysis was used as the theoretical framework authors who work with these issues, such as: Swan (2012), Moreno and Viudes (2012), Duarte (2008) among others.

Keywords: Sexual division. Women's Economic Participation. Family changes.

1. INTRODUÇÃO

Voltando-nos para os nossos dias, e pensando especialmente na realidade das mulheres que trabalham incansavelmente para verem o bem estar de suas famílias, indagamos o quanto tais mulheres sentem-se sobrecarregadas para realizarem as tarefas domésticas.

Para este trabalho realizamos entrevistas estruturadas com um pequeno grupo de mulheres que trabalham em um frigorífico situado na zona rural do município de Nova Olinda, no norte do Estado do Tocantins, que buscaram descrever o perfil, funções e responsabilidades profissionais e no trabalho de casa.

A pergunta que nos levou a realizar este trabalho foi: Como se estabelece a dupla jornada de trabalho nas famílias com a inserção das mulheres no mercado de trabalho e que participação essas mulheres têm na renda familiar?

No decorrer da pesquisa foi feita uma abordagem da divisão sexual do trabalho, da participação econômica das mulheres no Brasil, das desigualdades salariais, das eventuais conseqüências familiares com inserção das mulheres no mercado de trabalho, sua sobrecarga de trabalho e responsabilidades.

A grande motivação de realizar esta pesquisa foi, primeiramente o fato de eu já ter sido uma funcionária e observar que dentre os funcionários desta empresa a grande maioria eram mulheres, isso a alguns anos atrás, quando eu entrei nessa empresa. E isso despertou em mim a curiosidade e anseio em saber por que em ambiente de trabalho dito masculino, como é o caso do frigorífico, haviam mais mulheres do que homens? E mesmo passados alguns anos, onde isso mudou, pois na pesquisa veremos que no quadro de funcionários, atualmente a maioria é homem, existe a curiosidade de saber como é o trabalho dessas mulheres.

2. DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

A divisão sexual do trabalho é uma das formas sutis utilizadas pelo capitalismo para exploração do trabalho. Essa divisão é que faz a separação dos trabalhos entre homens e mulheres e os colocam em posições hierarquizadas. Isso significa que através da divisão sexual do trabalho, o sistema capitalista naturaliza a subalternidade das mulheres para que dessa forma se vejam obrigadas a permanecer em trabalhos mais precários e desvalorizados.

Segundo Danièle Senotier (2009, p. 67):

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações de sexo; essa forma é historicamente adaptada a cada sociedade. Tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc.).

Para Duarte (2008), a luta das mulheres por um espaço no mercado de trabalho teve início entre o fim do século XIX e início do século XX, onde a sociedade ainda creditava que o homem era o único provedor do lar, e às mulheres ficavam somente as tarefas de cuidar dos filhos e dos afazeres de casa. E de lá pra cá, as mulheres vêm lutando por direitos que ainda são vistos pela sociedade capitalista como não merecidos. Ou seja, como favores concedidos, ao invés de direitos conquistados.

Ao analisar, portanto, a divisão sexual do trabalho, com base na superexploração capitalista, Cisne (2012) e Duarte (2008) afirmam o quanto a mulher ainda é oprimida e explorada, através da não valorização do seu trabalho e da subordinação inadequada ou injusta com relação ao tratamento direcionado ao homem. E que ainda existe uma resistência muito grande em aceitar o direito das mulheres ao emprego, o que mostra o peso da divisão sexual do trabalho na estrutura social.

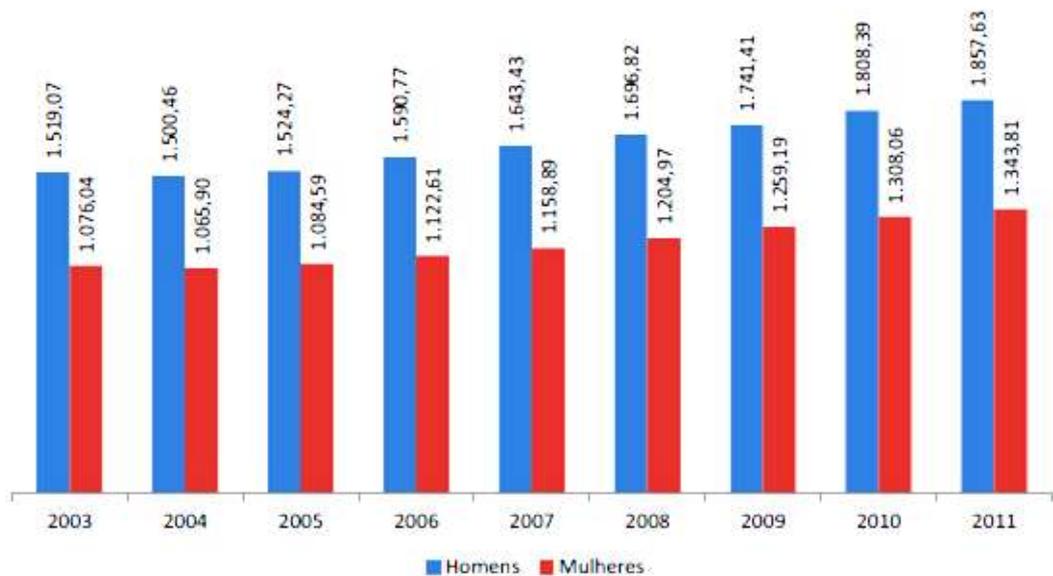
Essa forma de divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: a separação – onde existem trabalhos masculinos e trabalhos femininos e a hierarquização – onde o trabalho do homem “vale” mais que o da mulher.

Um dos fatores que enfatiza a desigualdade do gênero no mercado de trabalho ainda é a remuneração. Existem casos em que as mulheres têm o rendimento inferior ao dos homens, apesar de apresentarem maior nível de escolaridade, ou de demonstrarem maiores habilidades adquiridas ao longo de suas

vidas, tais como destreza manual, paciência, capacidade de suportar atividades repetitivas, fatos que são aproveitadas no mercado de trabalho, mas não são reconhecidos socialmente.

Segundo dados do IBGE, o rendimento médio do trabalho das mulheres em 2011 foi R\$ 1.343,81, 72,3% do que recebiam os homens (R\$ 1.857,63). Esses valores indicam uma evolução no rendimento em relação ao ano de 2003, quando a remuneração média das mulheres foi de R\$ 1.076,04. Entretanto, pelo terceiro ano consecutivo, o rendimento feminino mantém a mesma proporção (72,3%) em relação ao rendimento dos homens, em 2003 as mulheres recebiam 70,8% do que recebia, em média, um homem.

Figura 1: Rendimento médio real do trabalho das pessoas ocupadas, por sexo (em R\$ a preços de dezembro de 2011) – 2003 – 2011*



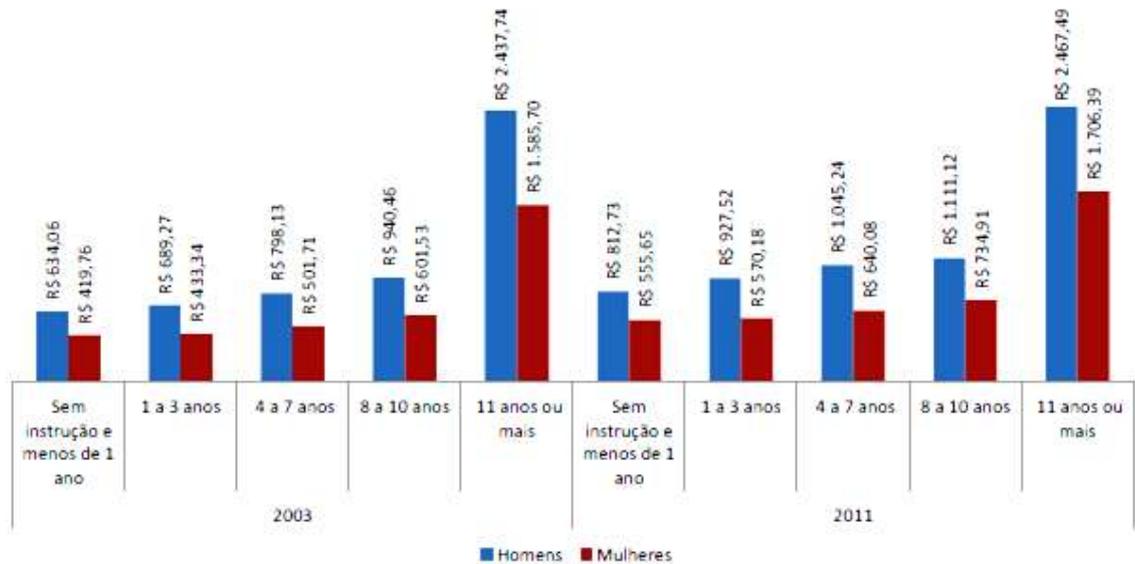
FONTE: IBGE, Diretoria de pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego 2003-2011.

As mulheres, independente do grupo de anos de estudo que se enquadrem, em média, recebem menos que os homens. Entretanto, em situações extremas a diferença de rendimento é menor. Nos grupos de pessoas que não possuem instrução ou tem menos de 1 ano de estudo a proporção da remuneração das mulheres em relação a dos homens é maior que em todos os outros grupos.

Dados do IBGE mostram que em 2003 as mulheres sem instrução e com

menos de um ano de estudo foi de 66,2% e daquelas com 11 anos ou mais de estudo foi de 65,0%. Essas proporções em 2011 foram de 68,4% e 69,2%, na mesma ordem.

Figura 2: Rendimento médio real habitual da população ocupada, por grupos de anos de estudo, segundo o sexo – (2003 e 2011)*



FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego 2003-2011. Média das estimativas mensais.

A estrutura social capitalista destinou a tarefa de cuidar dos filhos e da casa como uma responsabilidade exclusiva e individual das mulheres, tirando a responsabilidade dos homens e do Estado, e com isso as mulheres ficam cada vez mais sobrecarregadas, estressadas e sem tempo para si. Afinal, além de trabalharem fora, as mulheres realizam afazeres domésticos, tarefas que homens se isentam de realizar. A ideologia utilizada para isso, mais uma vez é a de que o homem é o provedor e a mulher a cuidadora.

As atividades domésticas permanecem sob a responsabilidade direta ou indireta da mulher, seja por meio da dupla jornada de trabalho (trabalho extradomiciliar ou domiciliar), seja pelo cumprimento de sua obrigação em dar conta do trabalho domiciliar mediante a ajuda de uma substituta no período de sua ausência, que pode ser uma filha ou a avó da família, como é comum no Brasil. (CISNE, 2012, p. 121)

Para Duarte (2008), são frequentes os casos de violência psicológica em que a própria sociedade faz com o discurso de que devido ao fato das mulheres terem

saído de casa para trabalharem fora, deixam de lado a educação dos filhos, são responsáveis pela dissolução da família, e pela violência que aumenta na sociedade, etc. A mesma autora acredita que “[...] as cobranças para que a mulher cumpra o que é considerado seu papel estão o tempo todo na sociedade e legitimam chantagens, violência psicológica e física” (Duarte, 2008, p.24).

No entanto, isso não é algo que ocorre em todas as classes:

(...) a dupla jornada de trabalho, a sobrecarga e a exploração, de uma maneira geral, são somente imputadas às mulheres das classes subalternas. As mulheres pertencentes à classe dominante, mesmo que exerçam atividades extradomiciliares, não realizam trabalho doméstico - que é executado por outras mulheres remuneradas e muitas vezes exploradas pela própria “patroa”. (CISNE, 2012, p. 122)

Como se pode notar, o sistema capitalista gera outra desigualdade existente dentro de uma mesma categoria: as mulheres trabalhadoras e as mulheres “patroas”.

3. PARTICIPAÇÃO ECONÔMICA DAS MULHERES NO BRASIL

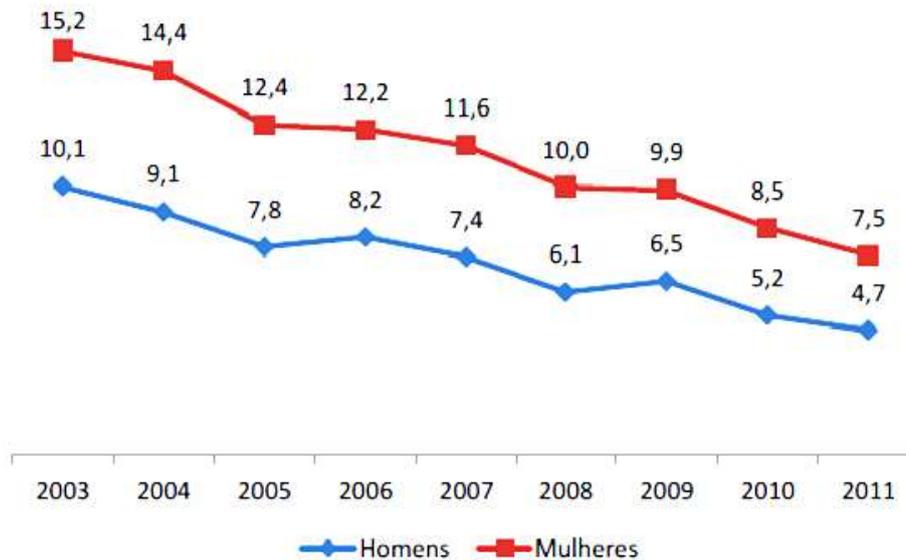
Mesmo com as sucessivas crises econômicas, a participação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro é citada como uma das mais marcantes transformações sociais ocorridas no Brasil desde os anos 1970.

Segundo dados do MTE (2013), o estoque de empregos femininos no Brasil com carteira assinada, 2010 era de 18,3 milhões de postos de trabalho e 2011 obteve um crescimento de 5,93% alcançando 19,4 milhões.

Porém, esse crescimento ainda é pouco diante das estatísticas que mostram que apesar de as mulheres serem maioria no mercado de trabalho, na população e com grau de escolaridade maior, ainda estão em desvantagem com relação aos homens no mercado de trabalho. Nesse sentido, Duarte (2008) conclui que “hoje mais mulheres do que homens têm mais de 12 anos de estudo ou frequentam curso superior. Quanto mais mulheres chegam ao mercado de trabalho, maior é o desemprego das mulheres”. (DUARTE, 2008, p.20)

Os dados do IBGE mostram que em 2011, a taxa de desocupação entre as mulheres foi de 7,5%, menos da metade daquela verificada em 2003 (15,2%). A taxa de desocupação dos homens foi sempre menor que a verificada para as mulheres, em 2003 a taxa masculina foi de 10,1% e em 2011, 4,7%.

Figura 3: Taxa de desocupação das pessoas ocupadas, por sexo (%) – (2003 a 2011)*

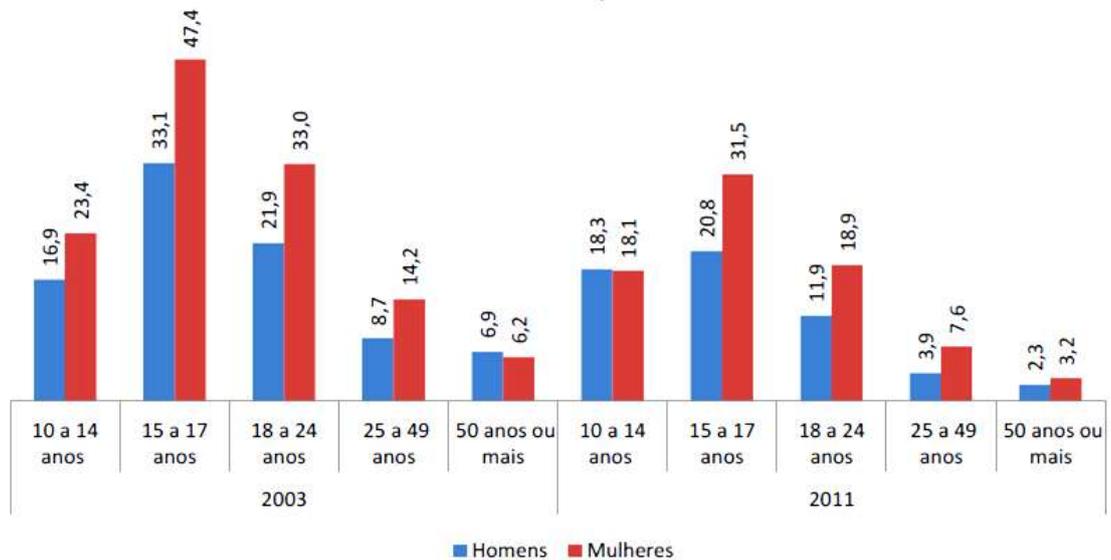


FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego, 2003-2011.

Moreno e Viudes (2012) identificam essa disparidade e apontam ainda para outra desigualdade existente no mercado de trabalho. “A análise sobre a situação das mulheres negras (pretas e pardas) evidencia como as dimensões de gênero e de raça se interconectam, contribuindo para recrudescer a desigualdade.” (MORENO; VIUDES, 2012, p. 26)

Os dados do IBGE mostram que, em 2003 a taxa de desocupação das mulheres pretas e pardas foi de 18,2% passando para 9,1% em 2011. A desocupação das mulheres estava concentrada entre as mulheres dos grupos etários mais jovens. Os indicadores de desocupação foram de maiores para as mulheres pretas ou pardas. Em 2003, a taxa de desocupação entre as mulheres pretas ou pardas de 18 a 24 anos de idade foi de 33,0%, já em 2011, essa taxa diminuiu passando a 18,9%.

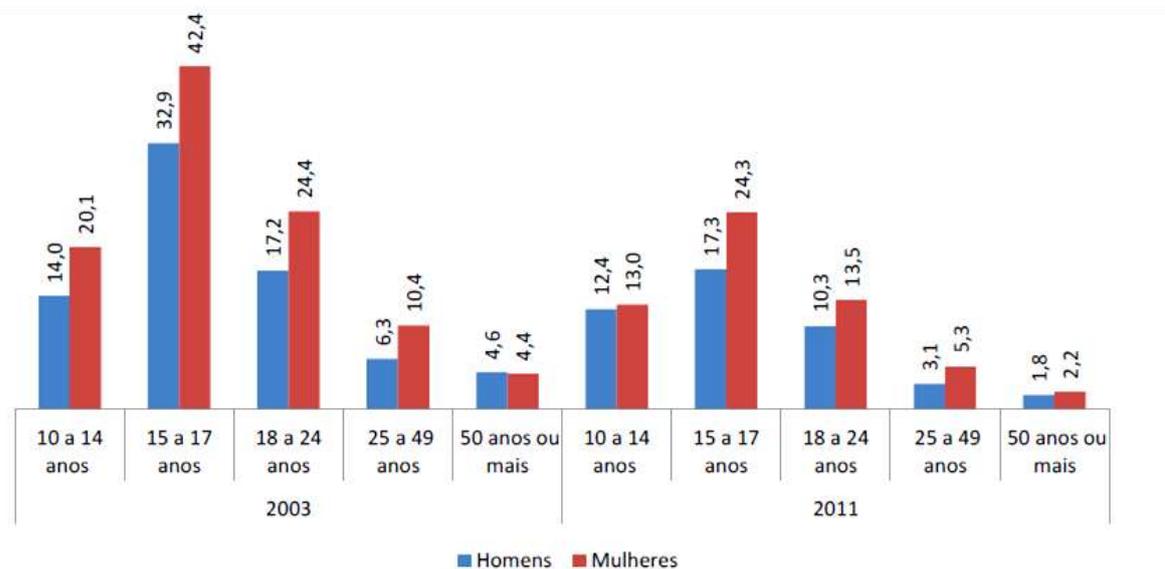
Figura 4: Taxa de desocupação da população preta e parda, por sexo, segundo os grupos de idade (%) – (2003 e 2011)*



FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego, 2003-2011.

Dados do IBGE também mostram que, a taxa de desocupação entre as mulheres brancas, em 2011, foi 6,1% menos da metade da registrada em 2003, quando foi de 13,1%. A população branca continua apresentando taxas de desocupação inferiores as populações preta ou parda. Entretanto, as características são semelhantes, ao passo que a desocupação foi mais comum nos grupos de idades mais jovens. Em 2003, a taxa de desocupação entre as mulheres brancas com 50 ou mais anos de idade foi de 4,4%, já em 2011, essa taxa diminuiu passando a 2,2%.

Figura 5: Taxa de desocupação da população branca, por sexo, segundo os grupos de idade (%) – (2003 e 2011)*



FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego, 2003-2011.

Frases como “a mulher está se emancipando”, “a mulher conquistou sua independência, liberdade e autonomia” são comumente repetidas na sociedade atual. No entanto, existe uma grande necessidade de analisar alguns desses termos bastante comuns com relação a inserção das mulheres no mercado de trabalho. Segundo Cisne (2012, p. 120):

É preciso perceber o fenômeno social da feminização do mundo do trabalho na ordem do capital, desvendando quais os processos sociais, econômicos e políticos que a determinam. Nessa perspectiva de totalidade se engendram as condições pra que se possa compreender os interesses ocultos na aparência desse fenômeno.

Segundo a ideia de Cisne existem contradições do movimento capitalista com relação às conquistas e as potencialidades positivas para a emancipação das mulheres. O capitalismo levanta a bandeira de luta das mulheres, mas a usa estrategicamente ao seu favor. A autora salienta ainda que:

Não é à toa, portanto, que as mulheres, ao contrario da emancipação, se encontram submetidas às condições mais precárias do mercado de trabalho, além de sobrecarregadas com as atividades domesticas (dupla jornada de trabalho) e toda a responsabilização imputada à família sobre os desajustes familiares. (CISNE, 2012, p. 121)

De acordo com a autora, a emancipação das mulheres vai além da luta por

igualdade de gênero, pois isso não garantiria a eliminação da exploração de mulheres. Pois a luta das mulheres é pautada num movimento pela verdadeira liberdade e igualdade (substantiva).

Cisne (2012, p. 132) acredita que “até porque a luta de classes, se dissociada dessa dimensão de gênero, não garantirá a conquista da liberdade, daí a necessidade de se articular no plano teórico e político as dimensões de classe e gênero.”.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para esta investigação optamos por realizar uma pesquisa descritiva, com o intuito de identificar como é a vida das mulheres trabalhadoras de um frigorífico situado na zona rural do município de Nova Olinda, no norte do Estado do Tocantins. A pesquisa busca identificar e descrever a realidade dessas mulheres que têm dupla jornada de trabalho, que mantêm a família com o seu trabalho e ainda fazem todos os afazeres de casa. Assim sendo, optamos por fazer uma pesquisa de campo com as trabalhadoras.

E como método para coleta de dados, foi utilizado um roteiro de entrevista estruturada. Para Marconi e Lakatos (2011) a entrevista estruturada tem como característica o questionamento em que o entrevistador segue um formulário previamente determinado a fim de alcançar os objetivos da pesquisa que realiza. Foram entrevistadas 11 mulheres, sendo que dos 407 funcionários, 132 são mulheres. As entrevistas foram feitas nas casas das mulheres e conforme a disponibilidade delas. Das entrevistadas, a maioria tem muito tempo trabalhando na empresa, por esse motivo elas não se intimidaram no momento de responder as questões. Optou-se pela utilização de pseudônimos a fim de preservar a identidade das entrevistadas, as entrevistadas serão tratadas por respondentes.

4.1 CONTEXTO HISTÓRICO DE NOVA OLINDA – TO

Nova Olinda é um dos 20 municípios com maior população do Estado do Tocantins – 10.833 habitantes (IBGE 2012). Foi criado a partir da homologação da lei do Estado de Goiás nº 8.847 do dia 10 de junho de 1980. No início, era apelidada

de Acampamento Nacional; apelido originado do alojamento dos operários da empresa Nacional Construtora, responsável pela pavimentação da BR 153. Posteriormente ficou conhecido como Povoado Solta, nome derivado de uma fazenda da região.

Figura 6: Localização de Nova Olinda no mapa do Tocantins.



Fonte: IBGE, 2016

O vilarejo era localizado as margens da BR 153, na Vila Pati. Neste local ficava as residências dos primeiros moradores, a feira, a delegacia e a rodoviária. Com o passar dos anos o aumento do número de casas motivou o crescimento local para a outra margem da rodovia, pois no sentido das serras o terreno não possibilitava a expansão.

Os principais potenciais econômicos evidenciados no município são: Agricultura e Pecuária. Conta ainda com a contribuição de pequenos comércios e prestadores de serviços. Nas indústrias os destaques são as cerâmicas de telhas e tijolos e de um frigorífico, que juntamente com os postos de combustíveis integram os principais empregadores do município.

O Frigorífico escolhido para realização dessa pesquisa, é uma empresa de origem pernambucana, com mais de 14 anos no mercado de processamento e distribuição de alimentos. Com sede na cidade de Recife – Pernambuco, tem unidade em João Pessoa – Paraíba, Nova Olinda – Tocantins e São Geraldo – Pará.

5. ANÁLISES E RESULTADOS

A Tabela 1 a seguir apresenta o perfil das respondentes da pesquisa. Esses dados nos permitem perceber que a maioria das respondentes permanece trabalhando no frigorífico por necessidade de ajudar na renda familiar ou para manter a família, pois muitas delas são as mantenedoras do lar, e, portanto, em sua maioria (excluindo apenas a Respondente G), vivenciam condições precárias de trabalho. Lembrando que a precarização não é simplesmente pelo valor dos salários, mas pelas condições em que essas mulheres executam seus trabalhos. Portanto, quando falamos de condições precárias, falamos em jornadas bastante extensas de trabalho em pé, em ambientes extremamente quentes ou frios, etc.

Quadro 1: Perfil das respondentes

Nome	Idade	Cor	Escolaridade	Tempo de Serviço	Remuneração	Renda Total Familiar
Respondente A	34 anos	Parda	Médio	06 anos	R\$ 1.200,00	R\$ 2.500,00
Respondente B	22 anos	Parda	Médio Incomp.	03 anos	R\$ 820,00	R\$ 2.000,00
Respondente C	33 anos	Parda	Médio	04 anos	R\$ 1.000,00	R\$ 1.000,00
Respondente D	39 anos	Parda	Médio Incomp.	06 anos	R\$ 850,00	R\$ 850,00
Respondente E	32 anos	Parda	Médio	1 ano e 6 meses	R\$ 900,00	R\$ 900,00
Respondente F	47 anos	Parda	Médio	06 anos	R\$ 850,00	R\$ 1.000,00
Respondente G	35 anos	Parda	Superior	04 anos	R\$ 4.500,00	R\$ 7.000,00
Respondente H	37 anos	Parda	Médio	06 anos	R\$ 1.000,00	R\$ 4.000,00
Respondente I	47 anos	Parda	Médio	06 anos	R\$ 900,00	R\$ 1.600,00
Respondente J	30 anos	Parda	Fundamental Incomp.	04 anos	R\$ 740,00	R\$ 740,00
Respondente K	30 anos	Parda	Médio	04 anos	R\$ 1.000,00	R\$ 1.000,00

Fonte: Dados da Pesquisa

Em continuidade ao perfil das respondentes, a Tabela 2 nos mostra a composição familiar das respondentes, e podemos notar que a maioria das mulheres mantém financeiramente suas casas, pois são mães solteiras ou divorciadas, onde sustentam filhos, e em alguns casos, netos. A condição de mantenedora do lar compactua com a ideia de Duarte (2008), em que as mulheres precisam, além de se responsabilizarem pelo trabalho doméstico, garantirem renda para sustento da família em postos de trabalho que muitas vezes não remuneram adequadamente pelos serviços prestados.

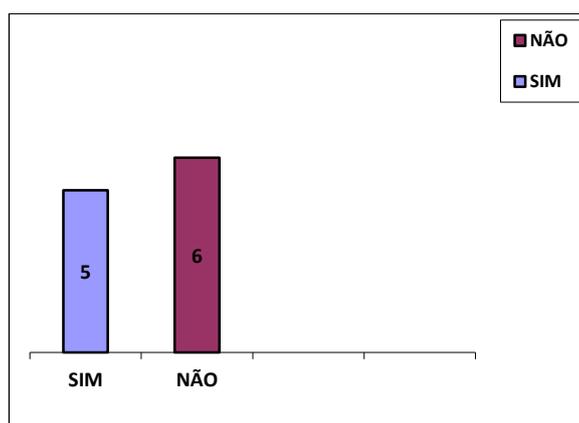
Quadro 2: Composição familiar das respondentes

Nome	Composição Familiar	Marido	Filhos
Respondente A	04 pessoas	Sim	02
Respondente B	04 pessoas	Sim	02
Respondente C	05 pessoas	Não	04
Respondente D	04 pessoas	Não	02
Respondente E	02 pessoas	Não	01
Respondente F	05 pessoas	Não	03
Respondente G	03 pessoas	Sim	01
Respondente H	06 pessoas	Sim	03
Respondente I	06 pessoas	Sim	02
Respondente J	05 pessoas	Não	04
Respondente K	02 pessoas	Não	01

Fonte: Dados da Pesquisa

Durante a pesquisa, as entrevistadas foram questionadas se recebem alguma ajuda nas tarefas domésticas. As respostas estão demonstradas na Figura 1:

Figura 7: Gráfico resposta: Recebem ajuda nas tarefas domésticas?



Fonte: Dados da Pesquisa

A realidade encontrada nesta pesquisa comprova, também, que a responsabilidade pelas duas tarefas permanece sendo das mulheres, mesmo quando elas recebem a ajuda de outras pessoas (quando recebem, é das filhas).

Mesmo com a abertura para o trabalho feminino, o frigorífico designa as

mulheres, em sua maioria, para a reprodução de atividades de cuidado e manutenção. Nota-se, na Tabela 3 a seguir, como é a distribuição de tarefas, por sexo, no frigorífico.

Quadro 3: Distribuição de tarefas por sexo no Frigorífico:

SETOR	QTD DE HOMENS	QTD DE MULHERES	TOTAL
GERÊNCIA GERAL	02	-	02
DEP. PESSOAL	01	02	03
SEGURANÇA DO TRABALHO	02	02	04
TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO	02	-	02
CONTABILIDADE	-	01	01
ALMOXARIFADO	04	02	06
FATURAMENTO	01	01	02
RECEPÇÃO	-	01	01
FINANCEIRO	-	01	01
PÁTIO	04	-	04
PORTARIA	05	-	05
LIMPEZA	05	07	12
TRANSPORTE	02	-	02
CHÁCARA	01	-	01
COMPRA DE GADO	06	01	07
COMERCIAL	02	02	04
RECURSOS HUMANOS	-	02	02
MEIO AMBIENTE	07	-	07
PROGRAMAÇÃO E CONTROLE DE PRODUÇÃO	09	03	12
COORD. INDUSTRIAL	01	01	02
EXPEDIÇÃO	23	-	23
MANUTENÇÃO	17	-	17
SALA DE MÁQUINAS	05	-	05
CONTROLE DE QUALIDADE	09	06	15
SERVIÇO DE INSPEÇÃO FEDERAL	16	03	19
GRAXARIA	23	-	23
ABATE	52	20	72
MIÚDOS	20	30	50
DESOSSA	32	34	66
LAVANDERIA	-	06	06
TRIPARIA	10	07	17
CURRAL	02	-	02
ESTOCAGEM	12	-	12
TOTAL GERAL	275	132	407

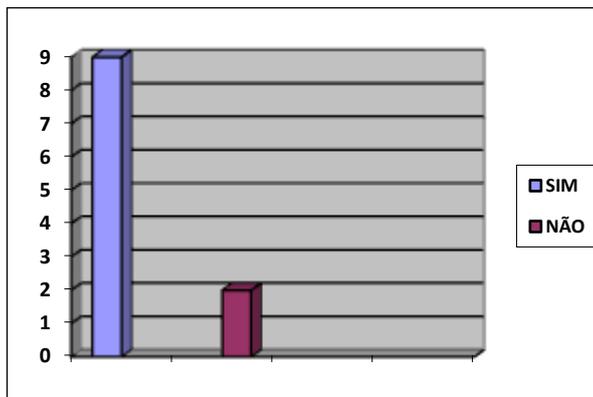
Fonte: Dados da pesquisa

Apesar de não ter sido foco da pesquisa, a abordagem sobre o trabalho de cuidados é possível notar que as atividades que são majoritariamente

desempenhadas pelas mulheres, são semelhantes às tarefas já realizadas por elas no ambiente doméstico¹. Dentre elas, a limpeza, lavanderia, o corte de miúdos e desossa (que exige habilidade nos movimentos curtos).

Apesar de desempenharem funções cruciais para o negócio do Frigorífico, a Figura2 aponta a quantidade de mulheres que sofrem ou já sofreram preconceito nos seus locais de trabalho, por serem mulheres.

Figura 8: Gráfico resposta: Já sofreu preconceito por se mulher?



Fonte: Dados da Pesquisa

Após identificar o preconceito nas atividades profissionais, a distribuição de tarefas e a dupla jornada de trabalho, as respondentes foram questionadas sobre as alterações que ocorreram nas famílias a partir de sua saída para o mercado de trabalho. As respostas foram reproduzidas no Quadro 1, a seguir:

Quadro 4: Respostas sobre as alterações familiares das respondentes

Nome	Alterações familiares
Respondente A	Meus filhos sentem muita falta durante minha ausência, pois saio muito cedo para trabalhar, sem contar com o esposo que reclama
Respondente B	Satisfação do esposo pela ajuda na renda, mas as filhas são muito pequenas e sentem minha falta
Respondente C	Os filhos sentem minha falta
Respondente D	Os filhos sentem falta, mas preciso trabalhar para ajudar na renda
Respondente E	Minha filha é muito pequena e sente minha falta

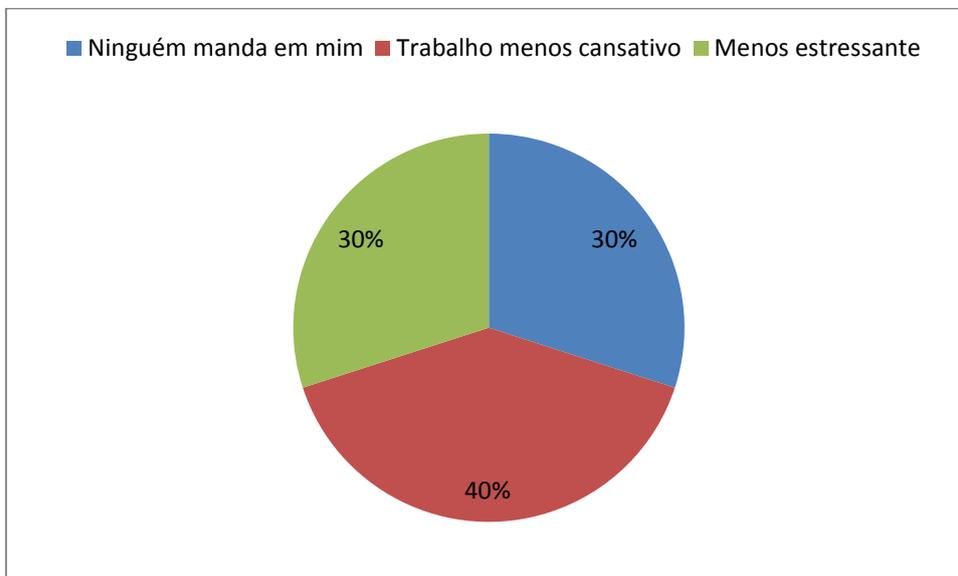
¹ Para aprofundamento, vide MORENO, 2013.

Respondente F	Os filhos sentem falta e o marido gosta da ajuda na renda
Respondente G	Meu filho sempre chora e diz mamãe fica comigo não vai não. O marido sempre cobra falta de tempo e atenção.
Respondente H	Meus filhos sentiram a minha falta, pois antes nunca havia trabalhado fora e os filhos eram pequenos quando comecei.
Respondente I	Meu marido gosta da ajuda na renda e os filhos sentem minha falta
Respondente J	Meus filhos sentiram muito minha ausência, e os mais velhos passaram a cuidar dos mais novos
Respondente K	Meu filho é pequeno e sente minha falta

FONTE: Dados da pesquisa

Após essas mudanças familiares e a baixa remuneração, é possível compreender o motivo de apenas uma respondente considerar melhor o trabalho no frigorífico (por garantir a ela independência financeira). Todas as demais respondentes preferem o trabalho do lar, ao invés do trabalho no Frigorífico. A Figura 3 demonstra esses motivos.

Figura 9: Gráfico resposta: Motivos de preferirem o trabalho doméstico



FONTE: Dados da Pesquisa

Enfim, através dos relatos das respondentes, é possível perceber que mesmo sofrendo com a divisão sexual do trabalho, essas mulheres fazem com muito esforço seus trabalhos no Frigorífico e em casa, pois sabem que são peças fundamentais no sustento de suas famílias.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que a luta das mulheres por igualdade ou por condições melhores de trabalho não é algo novo, e através desta pesquisa vimos que mesmo com todas as dificuldades impostas pelo capitalismo e pelas opressões e repreensões feitas às mulheres pelos mecanismos machistas da sociedade, as conquistas vêm sendo cada vez mais presentes o que fortalece, com muita dificuldade, as lutas travadas pelas mulheres.

Com relação às funcionárias desta empresa, vimos como a necessidade de sustentar seus filhos faz com que as mulheres suportem as dificuldades diárias do local de trabalho de forma firme. No entanto, nota-se que ainda há muito preconceito em relação ao trabalho profissional das mulheres e que todas essas dificuldades resultam no desejo de permanecer cada vez mais dentro dos espaços privados, da própria casa. A opressão vivenciada por essas mulheres, tanto no que diz respeito aos baixos salários, à jornada dupla de trabalho, às pressões profissionais e às pressões familiares, só reforçam o modelo patriarcal de submissão das mulheres que tentam, a todo o momento, dificultar a sua permanência nos espaços públicos.

O intuito desta pesquisa era o de identificar e compreender a realidade de muitas mulheres no que diz respeito aos afazeres do lar e as conseqüências de sua inserção no mercado de trabalho, onde podemos ver que a luta das mulheres para conseguir seus direitos é constante. E sabemos que é necessário um estudo mais profundo para que essa compreensão seja de fato alcançada.

Nesse sentido, acreditamos na necessidade de incentivar essas mulheres a se profissionalizarem, para que possam ter trabalhos menos desgastantes e com carga horária reduzida, dessa forma teriam mais tempo para os filhos e para elas mesmas.

REFERÊNCIAS

CISNE, Mirla. **Gênero, Divisão Sexual do Trabalho e Serviço Social**. 1 ed. – São Paulo: Outras Expressões, 2012.

DUARTE, Joaquim. **Cadernos Marcha Mundial das Mulheres**. O trabalho das Mulheres. Nº. 1 – São Paulo: [s.n], Junho 2008.

HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; DOARÉ, Hélène Le; SENOTIER, Danièle (Orgs.). **Dicionário Crítico do feminismo**. – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

IBGEB: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Trabalho e Rendimento**. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 30 de Julho de 2015.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2011.

MORENO, Renata; VIUDES, Taís. **Perspectivas feministas para a igualdade e autonomia das mulheres**. A centralidade da autonomia econômica para as mulheres. – São Paulo: [s.n], 2012.

Ministério do Trabalho e Emprego. **Rais e Caged indicam crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho**. Disponível em <<http://portal.mte.gov.br/imprensa/cresce-a-participacao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho/palavrachave/mercado-de-trabalho-rai-mulheres-crescimento-das-mulheres.htm>> Acesso em: 26 de maio de 2015.

Localização de Nova Olinda – Tocantins: **Mapa do Tocantins em destaque Nova Olinda**. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=171488&search=|nova-olinda>> Acesso em: 26 de maio de 2015.